

# Concepção stahliana de Corpo

Adelino Cardoso\*

*Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias* 39-40 (2021), 11-29. ISSN 0870-4546.

DOI: <https://doi.org/10.34619/9bie-wyq0>

A alma está imediatamente ligada ao corpo.  
A mente está própria e directamente ligada a Deus.  
Stahl 2016, 88

## Resumo

A *Theoria Medica Vera* (TMV) (1708), de G. E. Stahl, é uma obra de referência acerca do sentido da arte médica e da noção de corpo. Demarca-se simultaneamente do iatromecanismo moderno, através da articulação entre mecanismo e finalidade, e da tradição hipocrático-galénica, através da sobreposição da noção de estrutura à de mistura bem temperada. A controvérsia com Leibniz, subsequente à publicação da TMV, constituiu uma oportunidade para Stahl explicitar e aprofundar diversos aspectos da sua teoria, nomeadamente a respeito do organismo, do poder da alma e do ajustamento entre o corpo e a alma. A originalidade de Stahl reside na posição hegemónica da alma e sua capacidade de agir directa e imediatamente sobre o seu corpo.

**Palavras-chave:** Stahl, alma, finalidade, organismo, proporção.

## Abstract

The *Theoria medica vera* (1708), by G. E. Stahl, is a reference work concerning the medical art and the notion of human body. Demarcating himself simultaneously from the modern iatromecanism, throughout the articulation between mechanism and finality, and from the Hippocratic-Galenic tradition by means of overlapping the notion of structure to that of a well-tempered mixture. The controversy with Leibniz, subsequent the publication of TMV, constituted an opportunity for Stahl explanation of several points of his theory, namely on the

\* CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal.  
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0927-5428>. E-mail: [cardoso.adelino@gmail.com](mailto:cardoso.adelino@gmail.com).

organism, the power of the soul over the body, and the proportion between body and soul. Stahl's originality lies in the hegemonic position of the soul, and its power to directly and immediately moving its own body.

**Keywords:** Stahl, soul, organism, finality, proportion.

## Introdução

Georg Ernst Stahl (1659-1734) foi um dos médicos mais influentes da primeira metade do século XVIII. A sua *Theoria medica vera* (TMV) (1708) serviu de guia a muitos clínicos por toda a Europa<sup>1</sup>. Nela se propõe um novo paradigma médico, que se afasta simultaneamente da tradição hipocrática e do mecanicismo moderno. Uma e outro têm a sua pertinência, mas revelam-se insuficientes para explicar o objecto da medicina: o corpo vivo e o modo de efectividade da vida. Por diversas vezes, Stahl assinalará que “ninguém até hoje explicou o que é a vida” ou “o que é um corpo vivo” (Stahl 1708, 47, 54, 63).

A grande inovação conceptual da TMV reside na invenção do termo “organismo”, mas a transformação mais decisiva diz respeito ao poder (*potestas*) da alma sobre o corpo. Stahl é, porventura, o médico que, na tradição ocidental, mais longe leva esse poder, que se exprime não só pela capacidade de mover directamente o corpo e exercer influência real sobre as suas funções, mas também pela sua potência formativa enquanto agente de constituição do corpo. Daí resulta uma visão marcadamente holística e unitária do homem, em que o primado da alma se articula com a ideia de corpo próprio, que é a principal razão da existência da alma: “A primeira razão da existência da alma humana é existir em e com o [seu] corpo” (Stahl 1708, 25). Por seu lado, o corpo humano “existe absoluta e simplesmente por causa da alma”, da qual é “organon verdadeiro” (Stahl 1708, 44).

A controvérsia com Leibniz (1709-1711) fornece a Stahl a oportunidade para afirmar a pregnância do ser individual, cuja “constituição é uma lei particular e não universal” (Stahl 2016a, 76), e reforçar a unidade e harmonia do todo psicossomático, contra a visão paralelista de Leibniz, em que o acordo recíproco alma-corpo se opera através da harmonia preestabelecida por Deus. Muito expressamente, Stahl intenta situar-se no âmbito da natureza, de que a alma é tão-só a parte mais elevada, estabelecendo uma “ciência física da alma (*physica Scientia de Anima*)” (Stahl 2016a, 86), que é “finita e mortal” (*Ibidem*, 158).

<sup>1</sup> José Rodrigues de Abreu faz-se eco do enorme impacto do ensino e da obra de Stahl, da qual é entusiástico apoiante (Abreu 1733, 153, *passim*). Por seu lado, Philippe Pinel, fundador da psiquiatria moderna, considera-o o médico mais importante, a seguir ao pai da medicina europeia, Hipócrates: “Stahl é o maior médico que alguma vez apareceu, desde Hipócrates” (Pinel 2009, 154).

A alma acompanha sempre o seu corpo, estando a imortalidade reservada ao espírito (*mens*), cuja relação imediata é com Deus e não com o corpo.

A compreensão adequada do ser humano exige uma nova abordagem do problema da individuação e, correlativamente, da unidade e identidade individual, algo que nem Aristóteles nem os modernos entenderam, muito especialmente no que respeita ao indivíduo físico (Stahl 1708, 87). Essa nova abordagem implica um ponto de vista unitário, segundo o qual o corpo e a alma estão ligados “por um vínculo absolutamente directo e individual (*nexu absolute directo atque individuo*)” (*Ibidem*, 36). A *co-pertença originária da alma e do corpo* é o dado primordial da “Teoria Médica Verdadeira”, que o autor designa pelo termo “símbolo”, veiculado pela tradição alquímica para exprimir “uma *mistura primitiva* indissociável” (Cariou 1978, 123), quer dizer, a primordialidade do vínculo entre elementos. Para Stahl, “este símbolo muito forte e evidente entre a alma e o corpo é absolutamente evidente (*ingens et evidens hoc symbolum inter animam et corpus, plane evidenter confirmare*)” (Stahl 1708, 44).

Alma e corpo são mutuamente proporcionados, apesar da inelutável assimetria entre uma e outro. A alma é activa e o corpo passivo, e a sua correlação não implica acção recíproca. Ao invés, a acção de um ser sobre outro pressupõe uma relação hierárquica. Na versão stahliana, o ponto de vista da organicidade, que ele reivindica como o aspecto mais inovador da sua teoria médica<sup>2</sup>, significa uma visão instrumental do corpo em face da alma: “Toda a acção que a alma exerce por intermédio do corpo (*per corpus*) é orgânica, isto é, o corpo é relativamente à alma um simples instrumento” (Stahl 1708, 113). Por conseguinte, Stahl segue uma linha oposta à de Espinosa ou Leibniz, que concebem o corpo como um sistema auto-regulado e o colocam numa posição simétrica à da alma.

## O primado da alma

Tal como Descartes, Stahl afasta-se da clássica definição do homem como um “animal racional”, excluindo a animalidade como uma característica fundamental do humano. Contudo, a justificação stahliana é distinta da cartesiana: ao passo que Descartes defende o dualismo entre a alma (*res cogitans*) e o corpo (*res extensa*), definindo o homem como ser pensante (Descartes 1970, 27), Stahl assume que o poder da alma sobre o corpo é tal, que este não constitui uma entidade separada mas um dispositivo instrumental da alma, a qual é, então, a essência do humano: “Em sentido próprio, o homem é a alma e

<sup>2</sup> Segundo Stahl, “ninguém”, “nenhuma Escola” antes dele, introduziu “a fórmula *corpo orgânico* no discurso sobre a *Vida*” (Stahl 1708, 113). Por conseguinte, teria sido ele o primeiro a assumir a organicidade como a propriedade fundamental do vivo.

o corpo é a *oficina* desta” (Stahl 1708, 113). Ora, o que é a alma? “Generalissimamente, a alma é um ser activo; genericamente, é um ser movente [...] Especialissimamente, é um ser inteligente” (*Ibidem*, 34). A natureza da alma consiste na acção. Não, como em Espinosa ou Leibniz, a acção de um *autómato espiritual*, mas a acção de um ser incorpóreo que se exerce pela mediação de órgãos do seu corpo<sup>3</sup>. Daí a afirmação, que segue de imediato a definição da alma como ser activo ou movente, de que ela carece de instrumentos para realizar as suas funções, nomeadamente a cogitação e a vontade. A alma é viva e “vivífica”, ou seja, “o homem foi feito alma *vivífica*, que seguramente exerce o acto da vida conservativo do corpo e que, no corpo e pelo corpo, faz, agita, acompanha, restabelece, avalia (*aestimetur*) as afecções corpóreas e habita (*versetur*) no meio delas” (*Ibidem*, 112). Na verdade, a vida do corpo reside no acto conservativo da sua estrutura como um todo articulado, evitando a corrupção que o ameaça, em virtude da matéria altamente corruptível de que é formado, o que não tem nada de accidental, porque essa é a “consistência” ajustada aos usos do corpo vivo<sup>4</sup>. Com efeito, para Stahl, a vida é aptidão para conservar o corpo incorrupto. A razão formal da vida é justamente essa: “A razão *formal* da vida não é outra coisa senão a conservação deste corpo tão sumamente corruptível” (*Ibidem*, 245).

A alma é princípio do movimento e força motora que se move a si mesma e comunica o movimento ao corpo. De facto, “é pelo movimento que a alma faz tudo” (*Ibidem*, 259), incluindo o acto vital conservativo. O movimento é imanente à alma e, tal como ela, é algo de “incorpóreo”, garantindo o “ajustamento mútuo (*convenientia*) entre a essência incorpórea [da alma] e a actividade no e para o corpo (*in corpore, et in corpus*)” (*Ibidem*, 260).

A deslocação do movimento para o domínio do incorpóreo, destituindo a natureza de actividade própria, é certamente o ponto mais controverso da TMV, pelo que não ficamos surpreendidos que ele tenha estado no cerne da controvérsia entre Leibniz e Stahl, subsequente à publicação desta obra<sup>5</sup>, cada um dos interlocutores considerando aberrante e

<sup>3</sup> A ideia de autómato espiritual ou incorpóreo, presente na *Ética* de Espinosa e largamente explorada por Leibniz, e.g. na Correspondência com Pierre Bayle, na *Monadologia* (artigo 18) e nos *Ensaios de Teodiceia* (3.ª parte, § 403), remete para uma inteligibilidade comum da natureza física e da psique: os estados da alma, tal como os do corpo, constituem uma série ordenada segundo leis determinadas.

<sup>4</sup> “Repetimos que o *corpo vivo* tem uma consistência sumamente corruptível, não só *a posteriori* e tal como se apresenta aos sentidos, mas também, numa apreciação *a priori*, não parece que pudesse ter outra consistência, já que esta é a única adequada (*idonea*) aos usos e efeitos para os quais este corpo foi própria e directamente destinado” (Stahl 1708, 101).

<sup>5</sup> Esta controvérsia, muito quente, foi iniciada por Leibniz, na sequência da publicação da TMV. Leibniz enviou a Stahl as suas *Animadversiones* (Observações críticas), a que este respondeu com *Enodationes* (Esclarecimentos); Leibniz insistiu com *Exceptiones* (Razões de desacordo) e, já depois da morte deste, Stahl ripostou com *Replicationes* (Réplicas), aquando da publicação pelo próprio das várias peças da

“monstruosa” a tese do outro<sup>6</sup>. Deixando o aprofundamento da controvérsia, e especificamente deste ponto, para melhor ocasião, vejamos o sentido da perspectiva stahliana no quadro do seu pensamento médico-filosófico.

Considerando que toda a acção consiste em algum tipo de movimento e que o movimento é algo real em si mesmo e não uma simples afecção das coisas existentes, Stahl defende que o movimento que observamos à nossa volta é o resultado da eficácia de uma causa superior sobre a natureza passiva. Assim, não há verdadeira espontaneidade no plano físico<sup>7</sup>. A facilidade com que os corpos executam certas funções, como andar ou respirar, não significa que estamos em face de uma actividade espontânea, mas tão-só a justa proporção entre órgão e função. Com efeito, a acção “simples, imediata e absoluta” da alma sobre o corpo não se exerce *ad hoc*, segundo o bel-prazer da alma, mas de uma forma sistemática e coerente, através do ajustamento do dispositivo corporal às acções para que está destinado.

Contrariando a orientação hegemónica da inteligibilidade moderna, Stahl entende que a *destinação*, ou seja, a *finalidade*, é o ponto fulcral na constituição do corpo humano, pelo que é essencial “perscrutar qual o fim verdadeiro e evidente, bem como o uso inteiramente destinado do corpo (*quemnam verum et evidentem finem, et plane destinatum usum corpus humanum habeat, perscrutare*)” (Stahl 2016a, 257). Por conseguinte, a subordinação da actividade orgânica à governação da alma não implica interferência da alma no processo pelo qual o corpo realiza as suas funções.

A TMV não apresenta a visão do autor no que respeita à genética, que, de acordo com a nossa visão retrospectiva, se encontrava ainda numa fase pré-científica, discutindo-se, nomeadamente em obras de eminentes cientistas da época, qual o papel formativo da alma na constituição do corpo<sup>8</sup>. Sem entrar em minúcias acerca da prioridade da alma

controvérsia, sob o título *Negotium otiosum* (1720). Recentemente, François Duchesneau e Justin Smith fizeram uma cuidada edição bilingue (latim e inglês) desta controvérsia, tendo por base o *Negotium otiosum* (Duchesneau e Smith 2016).

<sup>6</sup> Na edição de Duchesneau e Smith, a discussão deste tópico ocupa 70 páginas: 15 para Leibniz (320-334) e 55 para Stahl (334-390), que longamente argumenta em favor da imaterialidade do movimento. Cf. também as páginas 174-178, onde Stahl defende a heterogeneidade entre corpo e movimento: o primeiro é passivo e o segundo, activo.

<sup>7</sup> Tal como está claramente expresso nas *Répliques* de Stahl, “o movimento é extrínseco à matéria”, “a matéria nunca se move ou é afectada pelo movimento senão por causa de coisas exteriores a ela própria (*propter res extra ipsam*)” (Stahl 2016a, 226).

<sup>8</sup> A tese de que há uma “faculdade formadora (*formatrix facultas*)” inerente à alma é assumida por W. Harvey numa obra de referência (Harvey 1651, 258, *passim*). Por seu lado, Albrecht van Haller, na sua obra monumental *Elementa Physiologiae* (1757-1766), dedica o § XX do tomo VIII, intitulado “Vida do Feto e do Homem”, à “antiquíssima” tese da alma formadora (*anima structrix*), admitindo a sua pertinência

sobre o corpo e o modo como a primeira determina o segundo, Stahl é muito preciso no que concerne à sua potência formativa: “Daí que, desde logo, se revele tanto mais justa ainda aquela conclusão de que também a própria *alma constrói* para (*sibi struere*) um corpo, de tal maneira que ele está *apto para os usos dela própria (ipsius usibus)*, para os quais unicamente serve; de que ela costuma agir sobre (*actuare*) esse mesmo corpo e influenciá-lo (*movere*), *directa e imediatamente*, sem a *intervenção* ou *cooperação de nenhum outro movente*” (Stahl 1708, 260-261).

A relação alma-corpo é, pois, única em cada ser humano, já que cada alma molda o corpo e o dispõe de um modo peculiar. Muito precisamente, a alma é “o princípio imanente ao corpo orgânico” (Stahl 2016a, 182). Circunscrita ao plano da natureza, ela age “ordenada e harmoniosamente” (*Ibidem*, 190), dirigindo o corpo para a realização de acções ajustadas ao bom funcionamento recíproco. Dada a sua intrínseca passividade, o corpo orgânico é receptivo à força motora da alma. A “sociedade” formada pelo corpo e pela alma assenta na boa proporção entre activo e passivo (*Ibidem*, 158).

### **Significado do organismo**

Stahl inventa, simultaneamente com Leibniz, o neologismo “organismo”, mas os dois autores envolvem-se numa violenta controvérsia a respeito da significação deste termo. Ambos estão de acordo em que o organismo é o nível mais elevado de organização da matéria, correspondente ao corpo vivo, mas divergem acerca do significado da vida e do modo de relação entre o corpo e a alma.

Para Leibniz, o organismo é um mecanismo perfeito, agindo com a maior ordem de que a natureza é passível, o que significa máxima variedade interna e infinidade de relações. Trata-se de um mecanismo especial, mais subtil e mais divino do que o mecanismo estrito<sup>9</sup>, mas não deixa de ser um mecanismo, segundo o princípio de que “Tudo na natureza se faz mecanicamente” (Leibniz 2016, 18). Com efeito, o exercício das funções vitais, nomeadamente a respiração e a digestão, faz-se “a partir da própria estrutura da máquina (*ex ipsa Structura machinae*)” (*Ibidem*, 34), através de movimentos que formam uma série ordenada, porquanto “um movimento só pode provir de outro movimento” (Leibniz 2016b, 45). Por conseguinte, não há qualquer influência real da alma sobre o corpo, já

e articulando-a com a sua teoria da “evolução” (*evolutio*) do novo animal: este forma-se, não por partes sucessivas, mas como um todo, que se desenvolve e actualiza as suas potencialidades.

<sup>9</sup> Tal como se encontra bem expresso no opúsculo *Consequências metafísicas do princípio de razão*: “Porque a natureza, em virtude de ter sido produzida por um artífice sapientíssimo, é orgânica em todo o lado nas suas partes interiores. E o organismo dos vivos mais não é do que um mecanismo mais divino crescendo em subtileza ao infinito” (Leibniz 1903, 16).

que, pela sua própria natureza, corpo e alma são heterogêneos: a alma é simples, imaterial e indivisível, o corpo é composto, material e infinitamente divisível. No entanto, corpo e alma ajustam-se perfeitamente, e a série das percepções da alma (em que consiste toda a sua actividade) e os movimentos do corpo correspondem-se admiravelmente, em virtude da harmonia preestabelecida que regula os estados de um e do outro.

Leibniz reserva o termo “organismo” para o nível de organização mais elevado de ordem natural, em que a natureza se encontra actualmente dividida em partes ínfimas ao infinito, tudo se encontrando regulado pela arte do supremo artífice. Neste quadro, o organismo tem um sentido universal e caracteriza-se pela infinidade de relações. O que o orgânico junta ao simples mecanismo é um acréscimo de ordem e beleza, a que chamamos vida e se manifesta pela infinita diversidade interna e pela intensificação de relações do organismo vivo com todo o universo. Com efeito, por um lado, “as máquinas da natureza, ou seja, os corpos vivos, são também máquinas nas suas partes ínfimas, ao infinito” (Leibniz 2016b, 57) e, por outro, “todo o corpo se ressent de tudo o que se faz no universo” (*ibidem*, 56).

O organismo é uma máquina natural indestrutível que constitui um sistema auto-regulado, cujos estados e mudanças ocorrem de modo espontâneo, mas não isolado: está ligado a toda a natureza corpórea e também a uma alma que age de acordo com um princípio interno, não sendo influenciada pelo exterior. Por conseguinte, os fenómenos do corpo e da alma constituem sistemas paralelos, mas agindo harmonicamente através de um “consenso”, que garante a sua correspondência mútua. Ainda assim, a unidade do composto psicossomático revela-se sempre algo problemática, porque ela se funda na harmonia preestabelecida por Deus entre o somático e o psíquico e não na acção recíproca de um sobre o outro.

Stahl segue um caminho bem diverso. O organismo é, para ele, uma estrutura original, irredutível ao mecanismo, apesar da continuidade entre um e outro. O organismo pressupõe o mecanismo, mas supera-o e integra-o numa estrutura mais elevada:

Aqui, porém, falamos daquela parte do organismo que acontece entre as coisas ou acções físicas; é um requisito absolutamente próprio ou essencial que tenha uma disposição mecânica (*mechanicam habeat dispositionem*) e, na verdade, não apenas em sentido genérico (*in genere*), na medida em que em todo o sujeito corpóreo, por uma necessidade absoluta (*absoluta necessitate*) está presente uma disposição mecânica, mas antes em termos específicos (*in specie*) de tal maneira que a disposição mecânica conspira e ajusta-se (*conspirat atque quadrat*) à coisa à qual propriamente se destina. (Stahl 1708, 17)

Assinale-se, desde já, um traço fundamental da TMV, a saber, o ponto de vista do indivíduo. Como está bem explícito, a disposição mecânica é um requisito do organismo, que consiste numa organização particular, ajustada às características específicas do organismo no qual está integrada. Em termos de eficiência, todas as acções do organismo vão ser executadas mecanicamente, mas operando subordinadas à finalidade orgânica. A originalidade do organismo em face do mecanismo reside precisamente em que ele é uma estrutura teleologicamente orientada, que age com vista à realização de determinados fins:

Todavia, o organismo tem um outro tipo de constituição, além da genérica e material: uma constituição específica e formal, de um nível absolutamente diferente (*absolute alterius capitis*), com a parte principal inteiramente alheia (*penitus alienissima*) ao mecanismo. Efectivamente, ela consiste não só na destinação (*destinatione*) mas também no acréscimo actual (*actuali adhibitione*) para um efeito muito especial (*specialissimum*). (Stahl 1708, 18)

No seguimento imediato, Stahl reforça que essa “especialíssima constituição” do organismo visa “um fim preciso” (*certum finem*), o qual é a sua “única razão de existir e de ser”.

Stahl marca bem o carácter teleológico da muito especial constituição do organismo, mas há algo mais, que ele designa como *adhibitio actualis* (acréscimo actual), um dispositivo actual que o capacita para a realização dos fins aos quais se destina. Se bem interpretamos, este acréscimo actual consiste na integração do mecanismo no dispositivo orgânico, ajustando perfeitamente eficiência e finalidade: a conservação do corpo vivo é “um acto *formalmente mecânico* (*actum formaliter mechanicum*), mas de uma maneira instrumental”, porque “proporcionado ao fim a que se destina” (Stahl 1708, 255). Daí a afirmação de que, em rigor, o organismo é “um verdadeiro mecano-organismo, que é o verdadeiro instrumento da vida” (*verus Mechan-organismus qui verus Vitae instrumentum est*) (*Ibidem*, 55). O termo “estrutura” (*structura*) recobre simultaneamente a constituição específica do corpo e o seu carácter integrado mecânico-orgânico.

A estrutura especial (*structura specialis*) do organismo evidencia a insuficiência da iatromecânica, a medicina de tipo mecanicista, da qual Friedrich Hoffmann (1660-1742), grande rival de Stahl na universidade de Hale, era destacado mentor. Mas Stahl confere-lhe um maior alcance: estrutura é algo mais que uma boa mistura bem temperada, à maneira da medicina tradicional hipocrático-galénica. Por conseguinte, a confusão que “os antigos” fizeram entre o misto e o vivo implica uma visão muito restrita do vivo.

Stahl aplica à noção tradicional de corpo o mesmo tipo de procedimento que aplicou à medicina mecanicista: a sua noção de corpo faz sentido, mas é insuficiente. Com efeito, o corpo é um misto constituído por vários elementos, nomeadamente líquidos e sólidos,

mas o que fundamentalmente o caracteriza não é a boa mistura dos seus elementos, mas a estrutura. Nos termos do autor: “Assim, de todo o modo, há no corpo vivo, em primeiro lugar, uma mistura peculiar (*mixtio peculiaris*) e, em segundo lugar, uma estrutura ou agregação especial (*structura seu aggregatio specialis*)” (Stahl 1708, 94). A mistura precede a estrutura (*Ibidem*, 269), e esta acrescenta algo novo: a aptidão para operar no quadro natural. Na linguagem de Stahl, a estrutura subordina-se ao poder (*potestas*) da natureza, a mistura não (*Ibidem*, 273).

Importa ainda realçar que, diferentemente de Leibniz, que assume o organismo como a ordem própria da natureza vitalmente compreendida, Stahl restringe-o ao âmbito antropológico: o organismo define a modalidade específica do corpo humano vivo. Ora, este é parte integrante do todo psicossomático individual, em que a alma constitui uma verdadeira unidade com o seu corpo.

### Uma medicina psicossomática

Para Stahl, a união íntima entre o corpo e a alma é um dado observável e racionalmente explicável. O termo usado por si na controvérsia com Leibniz é “sociedade” (*societas*): uma comunidade cujos membros estão vinculados por relações de reciprocidade. Nisto concordam ambos: o filósofo e o médico. No entanto, divergem acerca do modo dessa reciprocidade. Para Leibniz, trata-se de um “consenso”<sup>10</sup>, isto é, um sentir em comum entre entidades heterogêneas, que não têm relação imediata uma com a outra, nem qualquer tipo de proporção<sup>11</sup>; para Stahl, pelo contrário, a refinada sociedade formada por corpo e alma pressupõe uma ligação imediata e, mais do que isso, uma proporção exacta entre ambos: “a pressuposta refinada sociedade (*exquisita societas*) [entre corpo e alma] envolve proporção recíproca” (Stahl 2016a, 366), apurada. A vigorosa insistência de Stahl na “proporção genuína (*legitima proportio*)” (*Ibidem*, 350) entre corpo e alma tem um forte significado, já que ela indica o carácter individualizado do organismo enquanto estrutura ajustada a uma determinada alma e não outra. Daí a proposta stahliana de um *modelo psicossomático assente no ajustamento perfeito entre alma e corpo*. Ajustamento perfeito e harmónico, posto que há uma “*harmonia bastante livre (harmonia satis libera)* entre as acções que acontecem no corpo e os *finis (destinationibus)* aos quais se destinam” (Stahl 1708, 256).

<sup>10</sup> O termo “consenso” é usado por Leibniz nas *Animadversiones*, XXVII, onde afirma que a tese stahliana de que “a administração das acções orgânicas vitais deve ser atribuída à alma” faz sentido se “a conformidade do corpo com a alma for explicada com base no consenso (*ex consensu*)” (Leibniz 2016, 48).

<sup>11</sup> Leibniz explicita a sua teoria do consenso nas *Exceptiones*, XXI, com base no mote de que corpo e alma e respectivos fenómenos “consentem espontaneamente entre si (*sponte consentiunt inter se*)” (Leibniz 2016a, 320).

A alma tem uma posição hegemónica em relação ao seu corpo próprio – “seu corpo, sua oficina e sua propriedade (*corpus suum, officinamsuam, possessionem suam*)” (Stahl 2016, 156) – que usa como instrumento (*organon*) para os seus fins, mas, complementarmente, ela cuida do seu corpo, por forma a garantir a sua integridade funcional, a sua aptidão para responder às solicitações da alma. Estas são de duas ordens, a saber, disposições (*mores*) permanentes e “comoções” temporárias: “Até aqui, falámos de *disposições da alma (Animi mores) mais tranquilas e perenes*. Seguem-se as *comoções (comotiones)* provocadas por coisas incidentes, que pertencem a *outro (alius)* tipo relativo ao movimento, diferente do [tipo] geral, constante e calmo (*relictus*)” (*Ibidem*, 142). As primeiras, disposições “mais tranquilas e permanentes”, “de tipo geral”, constituem a base afectivo-dinâmica que regula o funcionamento habitual do corpo e são designadas como apetites (*appetitus*). Nos termos do autor: “A minha consideração destas coisas funda-se e assenta em razões de longe mais simples, mas verdadeiras e, ao que penso, evidentes: reconheço que os apetites da alma (*Appetitus animae*) são os autores dos movimentos vitais” (*Ibidem*, 148). As segundas, “provocadas por coisas incidentes”, são as paixões da alma, que o autor interpreta no sentido tradicional de erros do juízo, ao mesmo tempo que, tal como Descartes e os modernos em geral, assume a sua utilidade:

“Na verdade, as *paixões da alma (Animi Pathemata)* mais não são do que uma certa intenção muito presente, e sumamente necessária ou útil e considerada alegre, se bem que desordenada e errónea, a respeito de coisas inteiramente *desconhecidas ou invulgares (incognitis aut insolitis)*, ou *urgentes e potentes* devido a excessiva prontidão.” (Stahl 2016, 142)<sup>12</sup>

Dáí resulta excesso e desproporção em relação às circunstâncias e a uma conduta adequada no plano físico-moral. Não obstante este seu carácter desproporcionado, as paixões, por exemplo o medo ou a cólera, têm uma função reguladora da acção perante uma situação inesperada e que exige resposta imediata.

Como está bem patente, o modelo psicossomático proposto por Stahl inverte a fórmula galénica, amplamente glosada pela tradição médica, segundo a qual “Os costumes da alma seguem os temperamentos do corpo” (Galien 1995, 77), atribuindo aos costumes (*mores*) verdadeira causalidade sobre as acções do corpo. No entanto, a alma carece em absoluto do corpo para a realização das suas funções, incluindo o pensamento racional e a vontade: “Aqui, ocorre considerar, acima de tudo, que a *alma humana*, a respeito daquelas coisas

<sup>12</sup> No seguimento imediato do texto, Stahl insiste: “Não é, digo, a própria coisa ou as suas verdadeiras razões, mas conceitos *imaginários (ficti)* e *incompletos*”.

que pertencem directamente ao seu acto principal (*ad actum ipsius principem directe pertinent*), neste mundo, não pode absolutamente nada sem o corpo” (Stahl 1708, 258). Toda a acção da alma é orgânica, exercendo-se mediante os órgãos do seu corpo. O corpo participa na cogitação e nas decisões da alma.

### *Referências bibliográficas*

- ABREU, José R. 1733. *Historiologia médica*. Lisboa Occidental: Oficina da Música.
- CARIOU, Marie. 1978. *L'Atomisme. Gassendi, Leibniz, Bergson et Lucrece*. Paris: Aubier.
- DESCARTES, René. 1970. “Meditationes de prima philosophia”. In *Œuvres de Descartes*, vol. VII, editado por Charles Adam e Paul Tannery, XX-XX. Paris: Vrin-CNRS, reimp.
- GALIEN. 1995. *L'Âme et ses passions*. Paris: Les Belles Lettres.
- HALLER, Albrecht von. 1757-1766. *Elementa Physiologiae*. Lausannae: Sumptibus Marci-Michael Bousquet & Sociorum.
- HARVEY, William. 1651. *Exercitationes de generatione animalium*. Amstelodami: Apud Ludovicum Elzevirium.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. 2016. “Animadversiones”. In *The Leibniz-Stahl Controversy*, tradução, edição e introdução por François Duchesneau e Justin E. H. Smith, 16-51. New Haven, London: Yale University Press.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. 2016a. “Exceptiones”. In *The Leibniz-Stahl Controversy*, tradução, edição e introdução por François Duchesneau e Justin E. H. Smith, 246-409. New Haven, London: Yale University Press.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. 2016b. *Monadologia*, tradução, apresentação e notas de Adelino Cardoso. Lisboa: Edições Colibri.
- PINEL, Ph. 2009. *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale*. Paris: J. A. Bresson.
- STAHL, Georg Ernst. 2016. “Enodationes”. In *The Leibniz-Stahl Controversy*, tradução, edição e introdução por François Duchesneau e Justin E. H. Smith, 52-245. New Haven, London: Yale University Press.
- STAHL, Georg Ernst. 2016a. “Replicationes”. In *The Leibniz-Stahl Controversy*, tradução, edição e introdução por François Duchesneau e Justin E. H. Smith, 246-409. New Haven, London: Yale University Press.
- STAHL, Georg Ernst. 1708. *Theoria Medica Vera. Physiologiam&Patologiam, tanquam doctrinae medicae partes vere contemplativas, & naturae & artis fundamentis, intaminata ratione, et inconcussa experientia sistens*. Hallae: Literis orphanotrophei.